

MAPEAMENTO: UMA TÉCNICA DE LEITURA SIGNIFICATIVA E DESAFIADORA

Ana Maria Dal Zott MOKVA (PG-UFSC)*

1. Introdução

O ato de ler caracteriza uma relação do indivíduo com o mundo que o cerca, o que lhe permite uma reflexão do seu verdadeiro papel de leitor-sujeito, crítico e criativo. Ao mencionarmos a expressão 'ato de ler', percebemos que a mesma implica em uma participação efetiva do leitor estruturada em momentos fundamentais: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. Um processo de leitura, portanto.

Ao processo de leitura associamos a construção significativa do texto, através das experiências e dos conhecimentos previamente armazenados que são ativados no ato de ler por meio de estratégias cognitivas.

Para representarmos que a leitura é muito mais do que a percepção visual, focalizamos, no presente artigo, a técnica de leitura denominada mapeamento, que permite ao leitor a representação gráfica do território intelectual percorrido, desenvolvida aqui com alunos do ensino médio.

2. Leitura: um processo além da decodificação de sinais gráficos

O ato de ler ultrapassa o procedimento de decodificação de símbolos, ativando uma série de ações na mente do leitor. Ações estas que podemos denominar estratégias que contribuem no processamento da leitura, como seleção, levantamento de hipóteses, inferência, autocontrole e autocorreção.

Ao lermos um texto, nossa mente seleciona o que lhe interessa entre os aspectos relevantes e irrelevantes, da mesma forma que podemos antecipar informações através das hipóteses que levantamos, com base em "pistas" que vamos percebendo durante a leitura. Enquanto fornecemos complementos ao texto, a partir dos

* anamokva@uricer.ed.br

nossos conhecimentos prévios, realizamos a estratégia que chamamos de inferência. E, no momento que avaliamos, confirmamos ou refutamos as hipóteses e inferências, com a finalidade de garantir a compreensão, realizamos o autocontrole. Se tivermos que repensar a respeito das hipóteses levantadas, construiremos outras, retomando as partes anteriores do texto, e, não confirmadas as expectativas, realizamos a autocorreção. Assim, podemos considerar o ato de ler como sendo o processo de construir um significado a partir do texto, processo em que a interação que se estabelece entre o texto escrito e o leitor é diferente daquela estabelecida entre duas pessoas quando conversam.

Através das ondas sonoras, no canal audio-visual, percebemos que a fala não fica à disposição do falante, enquanto na escrita podemos ter a impressão do sinal visual que torna a mensagem permanente através do canal viso-motor. O texto falado é construído com participação efetiva dos interlocutores, diferentemente do texto escrito, em que a produção é individual, com ausência dos interlocutores. Ainda na fala, podemos permitir produção de sentenças mais curtas, repetições, uso da função fática, espontaneidade, já na escrita, as sentenças são mais longas e evitamos repetições e erros não permitidos.

Essas diferenças nos levam a pensar que a leitura é muito mais do que decodificação e sua importância só pode ser entendida se a analisarmos dentro de uma visão mais abrangente considerando seu papel na vida do homem sob aspectos comunicativos, psicológicos, pedagógicos, literários, lingüísticos, sociais entre outros mais específicos, conforme afirma Ezequiel T. da Silva (1983):

A leitura deve ser vista como uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo de hominização, mesmo porque o 'nascimento e plenitude da razão estão condicionados pelo acúmulo de observações de outras mentes que nos precederam e que é transmitido pela palavra oral ou escrita'. Isto significa que toda sociedade, nas suas diferentes etapas evolutivas, produz uma memória cultural e que a leitura vem a ser um dos instrumentos para conhecimento e transformação dessa memória, isto é, das idéias, instrumentos e técnicas produzidos e conservados pelo homem. Por isso mesmo, o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. E, por ser instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não-racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade).

2.1 A escola e seu papel no desenvolvimento da leitura

Durante muito tempo, acreditamos em uma prática pedagógica fundamentada na repetição de exercícios, cujo objetivo era levar o sujeito a ler melhor. Hoje, vemos que se não existir uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas, não obteremos uma aprendizagem da leitura eficazmente. Precisamos, dessa forma, pensar em atividades significativas, produtivas e desafiadoras que promovam o conhecimento.

A escola, instituição a serviço de uma sociedade com a finalidade de promover a capacitação e integração social de cidadãos, conforme pregam os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1999), pode potencializar o desenvolvimento de leitores através de atividades que possam gerar conhecimento útil para a vida. Ao oferecer condições para que o aluno utilize o conhecimento nas mais diversas situações comunicativas, a escola passa a considerar a leitura como o principal meio do indivíduo se enquadrar em uma sociedade que apresenta o registro escrito como a maior fonte de transmissão de conhecimentos ou como um dos mecanismos mais vitais na comunicação social.

É, principalmente, no âmbito da escola que as expressões 'aprender a ler' e 'ler para aprender' ganham o seu significado primeiro, apontando, inclusive, os efeitos que devem ser conseguidos pelo trabalho pedagógico na área de formação e preparo de leitores. (Silva, 1983)

A escola pode despertar no aluno a necessidade de decodificar, compreender, interpretar e reter informações e conhecimentos através de atividades simples, mas significativas.

Se a escola não promover o conhecimento através da leitura, a "imbecilização dos textos" continuará a aparentar um resultado favorável, sem abstração e sem desafios motivadores, o que leva o aluno a um desinteresse pela leitura. Assim, a escola deve estar convicta de que a aprendizagem da leitura é fundamental para a integração do sujeito em seu contexto cultural e social, pois sua participação está condicionada ao conhecimento que ele constrói na realidade em que vive.

3. Mapeamento: uma técnica de leitura que resulta em atividade significativa e desafiadora

Ao entendermos que o texto se volta a uma reflexão, temos condições de liberar em nós mesmos a capacidade de atribuir significado aos textos. Dessa forma, formular perguntas enquanto lemos, selecionar índices relevantes para a compreensão, suprir elementos ausentes, complementar informações através de inferências, antecipar fatos, criticar o conteúdo, reformular hipóteses, estabelecer relações com outros aspectos do conhecimento, transformar ou reconstruir o texto lido são condições para atingirmos um nível de abstração considerando-nos leitores construtores e reconstrutores.

E é exatamente essa concepção que devemos ter no processo ensino-aprendizagem da leitura em sala de aula para que possamos envolver, no planejamento das aulas, técnicas para atrair o leitor, desenvolvendo no mesmo a habilidade de ler e, conseqüentemente, a competência lingüística. Uma técnica viável que pode nos fornecer um resultado positivo é o mapeamento através da representação gráfica do território intelectual percorrido no momento em que lemos.

Ao realizarmos o mapeamento, estabelecemos uma estrutura gráfica ao texto organizando idéias e exercitando o pensamento crítico. Como exercício, o mapeamento exige decisões a respeito do texto, tendo em vista a escolha de tópicos e definição das idéias principais organizando as partes até formar um todo lógico.

A técnica do mapeamento, ao possibilitar a visualização do todo com as partes relacionadas, facilita o processamento de idéias e desenvolve a capacidade de classificação e hierarquização. Essas habilidades nos conduzem aos momentos específicos da leitura a que nos referimos: decodificação, compreensão, interpretação e retenção.

3.1 Leitura X livro didático: da teoria à prática

Partindo da necessidade de mostrar aos alunos que o texto é reflexão sobre a experiência do ato de ler, procuramos desenvolver a técnica de leitura do mapeamento em textos que abordam a

aprendizagem e desenvolvimento da leitura em livros didáticos. Nossa intenção foi a de associarmos à reflexão a visão crítica dos textos com os quais os alunos se deparam no processo ensino-aprendizagem.

Como instrumento de estudo, o livro didático influencia o leitor-aluno que permanece em contato com ele durante um extenso período de sua formação. Para muitos alunos, é o veículo quase que único de todo conteúdo didático adquirindo, assim, uma valoração que excede o que deveria ser seu real papel de formação.

Levando-se em conta a concepção de ensino vislumbrada na 'apresentação' de algumas coleções, verifica-se uma profunda incoerência entre discurso teórico e prática. Muitas das idéias propostas apresentadas levam a crer que os livros didáticos se constituem em materiais muito bem cuidados e elaborados que se valem de teorias e concepções modernas de ensino, que visam à integração do conhecimento prévio do aluno com o conteúdo a ser estudado. Geralmente tal apreciação não é corroborada ao se analisar esses livros. Quanto a concepção de leitura veiculada neles, observa-se que ela está fundamentada, segundo palavras de um autor de livro didático, na "interação entre o autor e o leitor". De acordo com essa concepção, ler se constitui no ato de resgatar as intenções do autor através dos sentidos de cada texto, havendo assim, uma interação entre sujeitos mediada por ele. (Micheletti & Brandão, 1997)

Há, sem sombra de dúvida, uma incongruência entre teoria e prática no que é exposto nos livros didáticos. Nas apresentações, há a manifestação de uma preocupação didática em conformidade com uma fundamentação teórica, mas que, de forma genérica, não corresponde às atividades propostas. O que encontramos, de modo geral, são verdadeiros manuais de exercícios através de questões sobre o que o autor quis dizer, com uma total assimilação pacífica, excluindo-se verdadeiras possibilidades de leitura que um texto pode oferecer. Muitas vezes, os textos dos livros didáticos são inadequados à faixa etária ou não despertam interesse e, quando analisados, revelam até mesmo desrespeito com o leitor, que é constantemente subestimado ou idealizado.

Para que o aluno tenha a consciência de que os textos podem gerar um falseamento do que seria a realidade do leitor através de um mundo artificialmente elaborado por alguém, e para que adquira a concepção de que leitura é um processo cognitivo em que o leitor

não decodifica apenas, mas compreende as idéias apresentadas, interpreta e as avalia, estruturamos um procedimento metodológico para a prática do mapeamento associada a uma reflexão do material que os alunos propriamente dispõem para a prática da leitura e aquisição do conhecimento.

4. Os procedimentos metodológicos na prática do mapeamento

O aluno que tenha todas as possibilidades de progredir encontra-se diante de um perigo que é muito difícil de ser evitado durante o seu desenvolvimento.

Não se trata de se perder num narcisismo estéril... mas de achar que o que já sabe é suficiente, principalmente se obteve êxito e fama naquilo que fez.

(...) Áspero é o caminho do aprendizado. Até onde o discípulo chegará é coisa que não preocupa o mestre. Ele apenas lhe ensina o caminho, deixando-o percorrê-lo por si mesmo, sem a companhia de ninguém. A fim de que o aluno supere a prova da solidão, o mestre se separa dele, exortando-o cordialmente a prosseguir mais longe do que ele e a se elevar acima de seus ombros. (Herribel, apud Naspolini, 1996)

Para o processamento de uma prática eficaz devemos considerar as premissas da metodologia que visam à orientação em um campo de trabalho. E, ao estruturarmos a proposta metodológica, pensamos em estratégias que orientassem a prática do mapeamento visando ao processo de leitura no ensino médio. Determinamos a 2ª série pelo fato dos alunos apresentarem uma visão crítica apurada e um interesse voltado à busca de informações e conhecimento, tendo em vista a preparação para um futuro ingresso no mercado de trabalho.

Diante do questionamento: *o material que recebemos é o suficiente para enfrentarmos um vestibular e ingressarmos no 3º grau?* é que resolvemos analisar o referente didático partindo de uma técnica de leitura com os futuros vestibulandos. Sob esse pressuposto, definimos a unidade significativa da prática: o texto. Para a seleção deste, preocupamo-nos em associar o processo de leitura à ativação de estratégias cognitivas para que os alunos pudessem refletir sobre a própria indagação em uma construção do sentido global do texto.

Associamos ao objetivo de desenvolver atividades que possam ativar estruturas cognitivas a justificativa de que o ensino,

hoje, deve ser um ensino produtivo que ultrapasse as limitações do texto didático. Com tal objetivo e justificativa, atingimos um resultado: a prática de técnicas de leitura em sala de aula permite a reflexão em um ensino produtivo.

Eis o texto que motivou e possibilitou a realização da técnica de leitura:

Livros para gênios?

Claudio de Moura Castro

O Brasil tinha um currículo para gênios. Pena que faltassem alunos à altura. Em uma erupção de bom senso, o MEC produziu algumas diretrizes curriculares que encurtaram e enxugaram os conteúdos.

Examinei recentemente um livro de matemática e física, já enquadrado nas novas diretrizes e voltado para alunos de modestíssimas ambições. Li para ver se entendia. Não entendi quase nada. Ou me perdia nas fórmulas ou não via ali algo que se conectasse com o meu mundo.

Será que minha vida teria sido mais interessante ou produtiva se houvesse aprendido os princípios supremamente importantes da lei de Pouillet, de Kirchhoff ou o teorema de Binet, o D'Alembert, a extensão do teorema do resto, o plano de Argand-Gauss, a divisão de números complexos na forma trigonométrica, o dispositivo de Briot-Ruffini e as relações de Girard em uma equação do terceiro grau?

De metade a dois terços dos capítulos de física são dedicados a fórmulas matemáticas. Sobra pouco espaço para explicar o que significam no mundo real ou para que servem. Comparei com um texto americano de física para 1º ano de universidade: tem a mesma matemática, mas explica muito mais o que querem dizer os conceitos. No caso da parte de matemática, jamais se sugere que possa servir para alguma coisa. Em meu curso de doutorado, o conceito tão central de probabilidade merecia inúmeras páginas do livro. Imagino que alunos do secundário requeeressem explicação ainda mais pausada. Mas terão de entender o mesmo conceito em cinco linhas e uma fórmula matemática. As fórmulas da hipérbole e elipse são apresentadas em sete páginas. Em um livro americano de 1º ano universitário, o mesmo material é mastigado em 28.

A lei de Ohm, peça fundamental da eletricidade, ocupa um

quarto de página. Os solenóides (sobre os quais o autor se esquece de dizer que todos os chamam de bobina), os capacitores e transformadores não têm melhor sina. Pergunte-se a qualquer técnico o que é um “curto-circuito” e ouviremos descrições de “pipocos” e fagulhas. O livro diz apenas que “um circuito estará em curto-circuito se interligado por um fio ideal”. Fiquei imaginando o tal “fio ideal”. A eletrônica se perde em fórmulas e em uma abundância de teorias e conceitos que jamais se usam na prática e também não ajudam a entender a miríade de equipamentos eletrônicos que nos cercam. De fato, não se fala nos semicondutores e transistores que revolucionaram a eletrônica e criaram a informática.

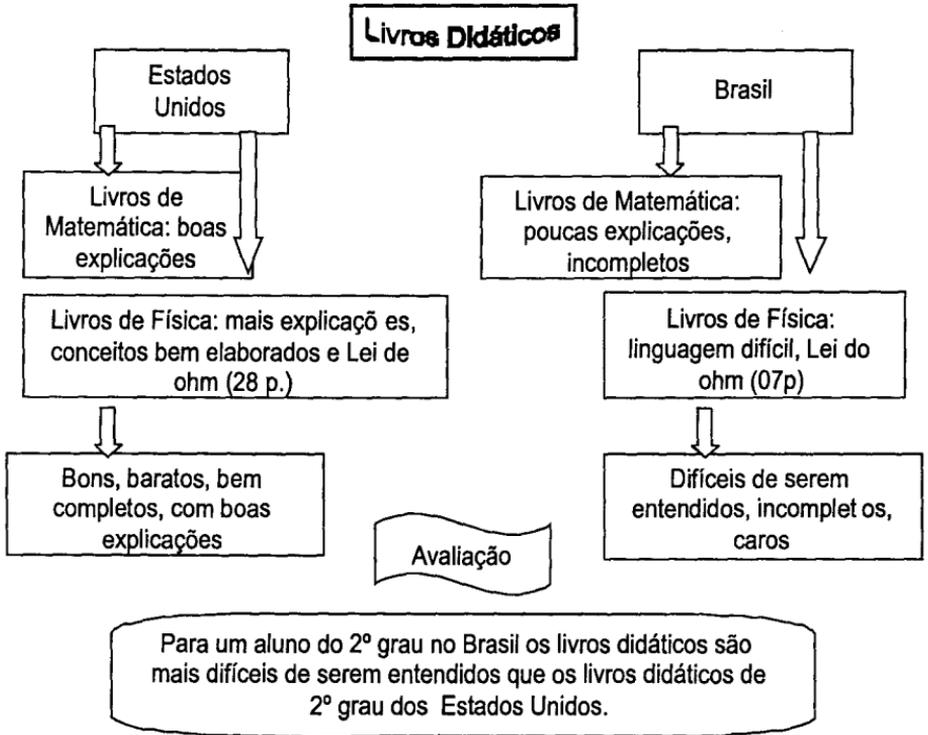
Estamos diante de um precipício que separa duas visões do ensino. Pensava-se que pouco importava saber para que servem as teorias, o importante era o exercício mental de aprender a manipular conceitos abstratos (como os da matemática). Mas qual o sentido de percorrer superficialmente e deitar erudição sobre centenas de teorias, o mesmo que se fazia nos lamentáveis livros em que estudei? Era de esperar progresso quase meio século depois.

Hoje vimos que não é por aí, e os novos parâmetros curriculares “propõem um currículo baseado no domínio de competências básicas e não no acúmulo de informações” (MEC). São cruciais os conselhos para que o livro “contextualize” o que ensina. Isto é, que “tenha vínculos com os diversos contextos da vida do aluno”, que conecte o que está sendo ensinado a problemas, fatos e circunstâncias próximos de sua vida. Sabemos com segurança, o importante é entender em profundidade algumas poucas idéias e não chafurdar em um pantanal de fórmulas e teoremas.

Despejei peçonha nos currículos enciclopédicos do passado. Agora, o MEC tomou jeito, mas alguma coisa permanece travada. Um livro para alunos modestos de 2º grau no Brasil é mais árido e difícil que livros usados por universitários americanos. Sobrevive a miragem de que haja alunos capazes de entender e aproveitar o que está nesse livro. (Castro, 2000: 21)

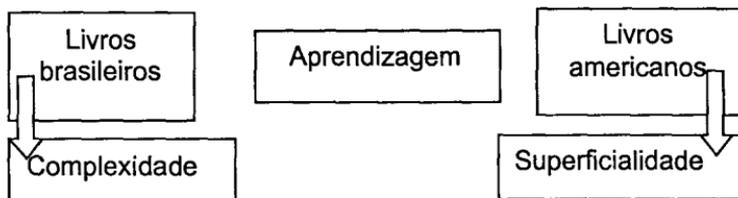
Apresentamos, a seguir, os mapeamentos¹ que possibilitaram uma nova postura dos alunos ao considerarem a leitura como um processo e não uma atividade mecânica apenas:







Livros para gênios?



Avaliação
«Um livro par alunos modestos de 2º grau no Brasil é mais ávido e difícil que livros usados por universitários americanos.»

5. Considerações Finais

Ao término deste trabalho de aplicação, análise e reflexão, chegamos à constatação de que o mapeamento é uma alternativa significativa para o desenvolvimento da habilidade de ler e desafiadora para o processo eficaz da leitura.

A aplicação da técnica do mapeamento permitiu aos alunos a integração com o texto no uso *da, na e sobre* a linguagem a partir da decodificação, da compreensão, da interpretação e da retenção. A representação gráfica nos conduziu, tanto professora quanto alunos, às idéias relevantes do texto em conformidade com o nosso objetivo: analisar e refletir a leitura nos livros didáticos. Como resultado, obtivemos a organização e estruturação do texto que, além de ativar estratégias cognitivas na mente dos leitores e facilitar a compreensão e a retenção das informações, pode, certamente, contribuir para o desenvolvimento da produção textual.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Claudio. Livros para gênios? – ponto de vista. In: *Veja*, São Paulo: Abril, Ed. 1638, ano 33, n° 9, p. 21, março, 2000.

MEC *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa*. Secretaria do Ensino Médio – SEF, 1999.

MICHELETTI, Guaraciaba & BRANDÃO, Helena (org.) *Aprender e ensinar com livros didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 1997.

NASPOLINI, Ana Tereza. *Didática de português: tijolo por tijolo – leitura e produção escrita*. São Paulo: FTD, 1996. (conteúdo e metodologia).

SILVA, Ezequiel. *Leitura & Realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Notas

¹ Agradeço aos alunos (ensino médio – URICER) que permitiram a reprodução dos mapeamentos.